

DOI: 10.46943/IV.CONBRALE.2022.01.004

O TRÁGICO E O EFEITO DO TRÁGICO NA ESCRITA DE MINICONTOS À LUZ DO “LETRAMENTOS”

MARILEI GOLFE MILAN¹

RESUMO

O presente estudo buscou contribuir para a valorização da produção escrita de minicontos a partir da leitura de obras da antiguidade clássica e de contos e minicontos da modernidade. Para esse intento utilizamos os estudos de Gotlib (1999), Soares (2002), Spalding (2008) e Lima (2019). Dentre as tantas mudanças acarretadas pelas novas tecnologias, pelos comportamentos devido ao isolamento social e, ainda, pela obrigatoriedade das competências que estão previstas na Base Nacional Curricular Comum, os resultados elucidam que a produção e a recepção das narrativas dos minicontos potencializa os letramentos como prática social, reafirma o papel da educação, na formação dos alunos de Ensino Fundamental, com sentido na escrita, na leitura e nas emoções expressadas pelos protagonistas.

Palavras-chave: Letramentos. Trágico. Minicontos.

1 Doutoranda do PPG Letras na Universidade de Passo Fundo - RS, 181099@upf.br

INTRODUÇÃO

Diante das transformações da prática didático-pedagógica orientadas pela Base Nacional Curricular Comum (BNCC), um dos desafios colocados aos professores tem sido o modo de trabalhar na sala de aula com a diversidade textual, com os alunos ainda se adaptando a volta às carteiras escolares, após a situação de isolamento. Sob a influência do avanço da cultura digital vicejam as produções de minicontos, esses, com sua característica miniaturizada, tentam obter o máximo de sentido a partir do mínimo que compõe a produção escrita desse gênero.

É nesse contexto que o estudo, do conceito de tragédia, a leitura de obras clássicas da antiguidade e de contos e minicontos da modernidade, tem como objetivo a produção escrita de minicontos observando o trágico. É perceptível, na prática pedagógica, que leitura desses desperta o interesse dos alunos do Ensino Fundamental, às vezes pela leitura breve e outras pelas analogias e emoções imediatas. A produção dos minicontos com o efeito do trágico é um desafio literário, pois precisa compor uma história, reduzida e veloz, que dá conta de importante sentido para que o interesse alcance os leitores.

Consideramos que o presente estudo se justifica pelo fato de explorar um campo de contribuições aos letramentos dos alunos do Ensino Fundamental, pois com a leitura de fragmentos da obra Trilogia Tebana do poeta Sófocles, para exemplificar o gênero tragédia e, também, a leitura de textos curtos e minicontos selecionados, estes de temas diversos, para exemplificação e a compreensão da estrutura do miniconto, valoriza o gênero textual e traz contribuições no ensino e na aprendizagem. Tendo em vista contemplar as competências e habilidades da escrita com sentido, conforme a BNCC, ainda que seja preciso a observância de poucas dezenas de palavras ou ainda poucas palavras, em poucas linhas ou poucos parágrafos curtos, se reconhece o miniconto como ferramenta eficiente para a leitura de sentidos e consequentemente letramentos dos alunos envolvidos.

LETRAMENTOS

A pluralidade da palavra letramento para letramentos se explica, segundo Soares (2002), por uma diversidade de ênfases na caracterização do fenômeno; são as práticas sociais de leitura e de escrita e como são postas em ação, e as consequências delas sobre a sociedade. Assim,

entende-se que o núcleo do letramento são as práticas sociais de leitura e escrita, para além da escrita, para além da alfabetização.

A alfabetização ocupando-se da escrita e o letramento dos aspectos sócio históricos da escrita, Soares pressupõe que os

indivíduos que dominam o uso da leitura e da escrita e, portanto, têm as habilidades e atitudes necessárias para uma participação ativa e competente em situações em que práticas de leitura e/ou escrita têm uma função essencial, mantêm com os outros e com o mundo que os cerca formas de interação, atitudes, competências discursivas e cognitivas que lhes conferem um determinado e diferenciado estado ou condição de inserção em uma sociedade letrada. (SOARES, 2002, p. 146)

Nessa concepção, letramentos, oferece a oportunidade de compreensão e da inserção de modalidades de práticas sociais de leitura e escrita, essas podem ser propiciadas além da cultura de papel, ou seja, por meios favoráveis de contraste, da cultura oral para a digital. É preciso oportunizar ao letramento já internalizado formas de flagrar novas habilidades e competências.

A necessidade da pluralização da palavra letramento e do fenômeno que ela designa, é reconhecida para

designar diferentes efeitos cognitivos, culturais e sociais em função ora dos contextos de interação com a palavra escrita, ora em função de variadas e múltiplas formas de interação com o mundo – não só da palavra escrita, mas também a comunicação visual, auditiva, espacial (SOARES, 2002, p. 156).

Kleiman (2014) ao falar sobre os letramentos, infere sobre o impacto do texto digital e suas combinatórias com diversos modos de significância. É sinônimo de contemporaneidade, a escrita de textos e a circulação dos mesmos nos meios digitais, e esse desenvolvimento cria autonomia e envolve tanto o domínio da modalidade quanto os efeitos que ele é capaz de produzir. O ensino de práticas de letramento diz respeito “à flexibilidade e ao respeito pela cultura do outro para garantir a inserção tranquila do aluno nos novos modos de fazer sentido via escrita na sociedade tecnológica em que a imagem e o texto escrito imperam.” (KLEIMAN, 2014, p. 83).

Segundo Kleiman (2014), o professor conhece os saberes e as capacidades de seus alunos e é capaz de desenvolver estratégias para construir junto com eles os saberes, conhecimentos e práticas a fim de usá-los na construção de práticas letradas importantes na vida social.

O letramento não se limita apenas ao contexto de prática de leitura e escrita mas aos diferentes letramentos do nosso tempo, o que infere uma infinidade de formas amplamente citadas na BNCC.

TRAGÉDIA: O CLÁSSICO EXUBERANTE

A antiguidade versa sobre textos exuberantes que conduziram a humanidade, imitaram ações e se manifestavam sobre os perigos dos processos de existência. Nesse caminho a tragédia se fez. As marcas dos tragediógrafos expressam o excesso de paixões, os destinos enigmáticos, a culpa e o sofrimento imerecido. As alegorias contidas nos clássicos merecem o nosso respeito, mesmo empoeiradas pela passagem dos séculos, pois apresentam as conquistas e limitações dos homens, capacidade de lidar com a dor e, mesmo diante de uma situação desagradável, manifestar vontade incondicional de viver sem ilusões.

Nesse sentido, é fundamental que nos ocupemos dos estudos sobre os gêneros literários. As narrativas da antiguidade clássica procuravam manter as tradições, despertar as emoções e reações de quem ouvia e de quem aplaudia, bem como de exaltar o herói a ser seguido.

A tragédia, segundo Aristóteles (2020) em sua obra *Poética*, nasceu pela regência do ditirambo, o canto ao deus Dioniso. O filósofo da antiguidade assim a conceitua:

É pois, a tragédia a mimese de uma ação de caráter elevado, completa e de certa extensão, em linguagem ornamentada, com cada uma das espécies de ornamentos distintamente distribuídas em suas partes; mimese que se efetua por meio de ações dramatizadas e não por meio de uma narração, e que, em função da compaixão e do pavor, realiza a catarse de tais emoções. (ARISTÓTELES, 2020, p. 73).

A composição da tragédia destaca os meios que a tornam fascinante: a reviravolta e o reconhecimento. A primeira é a inversão das ações, o segundo é o passar da ignorância ao conhecimento. Para exemplificar o filósofo recorre a personagem herói da Trilogia Tebana, obra do poeta da antiguidade, Sófocles.

A Trilogia Tebana é composta de três peças de teatro. Édipo Rei é a primeira peça, foi representada em 430 a.C. e apresenta o herói que comete um erro na juventude: tenta fugir ao destino, nesse processo, mata seu pai e casa com sua mãe. Ele é filho dos reis de Tebas, mas ao nascer é dado a um pastor por carregar consigo a maldição do parricídio e do incesto. Por sua vez, o pastor o entrega a um casal que o acolhe em outra corte até a revelação de não ser filho deles. Duvidando, o jovem príncipe vai ao Oráculo e tem a confirmação, então se põe a vagar e no decurso desentende-se com um homem e o mata. Ele segue caminho sem destino, chega até a cidade de Tebas assolada pela peste e alarmada pela Esfinge, a qual é derrotada pela sabedoria dele, por esse feito ele é aclamado rei e recebe a mão da rainha viúva. O novo rei vive feliz com sua família, mas uma nova praga se instala para que a morte do antigo rei seja esclarecida. A tragédia que versa sobre a nobre família apresenta o nó e pede o desenlace e nesse processo de enxergar a verdade o herói fere os próprios olhos. A segunda peça é Édipo em Colono, apresentada na cidade Atenas em 401 a.C. O herói Édipo, imerso em seu infortúnio, é expulso da cidade por seu dois filhos homens que disputam o poder de governar. Ele encontrou asilo em Colono, prometendo proteção para a cidade ali se instala com suas filhas Antígona e Ismene. Ao mesmo tempo em que o Oráculo informa o recebimento de bênçãos, à terra acolhedora do pai e das filhas, mais conflitos acontecem e se estendem até a hora do herói partir do mundo dos vivos. Por fim a terceira peça é Antígona e foi representada pela primeira vez em 441 a.C., em Atenas. Esta peça narra o retorno das irmãs para Tebas depois do fratricídio dos irmãos. Antígona entrega sua vida às promessas fraternais para que o ajuste das forças aconteça.

Nessa trilogia, que tem inúmeros estudos acerca de sua narrativa trágica, há a comoção emocional que é “uma ação destrutiva ou dolorosa, como o são as mortes insinuadas em cena, as dores agonizantes, os ferimentos e outros casos semelhantes” (ARISTÓTELES, 2020, p. 109). Para que experimentemos o efeito trágico é necessário apontar alguns requisitos especificamente gregos, um deles é a *dignidade da queda*, ou seja, a personagem cai de um mundo seguro e feliz para o abismo da desgraça, outro é *a possibilidade de relação com o nosso próprio mundo* que deve interessar e comover o leitor espectador, deve ainda fazê-lo refletir sobre a vulnerabilidade da existência humana, e se assim atingido profundamente terá experimentado o trágico. Outro requisito é o herói *ter alçado à sua consciência* experimentando o sofrimento consciente com os elementos de desfecho e ajuste, por fim, a *culpa trágica* também entendida

como a culpa moral, falta de compreensão humana em meio à confusão que se situa a vida. (LESKY, 2015, p. 44).

A excelência da situação trágica enunciada na *Poética* diz que

[...] a composição da mais bela tragédia não deve ser simples, mas complexa, e tal tragédia deve ser a mimese de fatos temerosos e dignos de compaixão, fica a princípio evidente que não se devem apresentar homens excelentes que passem da prosperidade à adversidade – pois isso não desperta pavor nem compaixão, mas repugnância -, nem homens maus que passam da desventura à prosperidade – isso é o que há de menos trágico, pois nada possui do que convém ao trágico: com efeito, não suscita nem benevolência, nem compaixão, nem pavor – nem mesmo quando um homem decididamente cruel passa da prosperidade à adversidade – pois tal maneira de tramas os fatos pode ter a ver com a expectativa humana, mas não suscita nem compaixão nem pavor, pois aquela diz respeito ao que vive a adversidade que afeta um semelhante, ou seja, a compaixão ocorre em relação ao que não merece; o pavor em relação ao semelhante, e assim tal ação não suscitará nem compaixão nem pavor. (ARISTÓTELES, 2020, p. 113).

A leitura de fragmentos da obra Trilogia Tebana oferece suporte para explicar a linguagem literária com a exuberância que a época enunciava, ao leitor deste estudo. Neste fragmento, a angústia vivida pelos tebanos está na primeira peça que compõe a trilogia:

Édipo, rei de meu país, vês como estamos
aglomerados hoje em volta dos altares
[...] Tebas [...] se extingue nos germes antes fecundos
da terra, morre nos rebanhos antes múltiplos
e nos abortos das mulheres, tudo estéril.
A divindade portadora do flagelo
da febre flamejante ataca esta cidade;
é a pavorosa peste que dizima a gente
e a terra de Cadmo antigo, e o Hades lúgubre
transborda de nossos gemidos e soluços.
(SÓFOCLES, Édipo Rei, l. 16-40: Sacerdote)

O destino da personagem da segunda peça da trilogia está contido na narrativa do ajuste. Neste o herói manifesta as suas dores de existência e suscita, com linguagem que contempla as narrativas da antiguidade, o trágico.

[...] o meu destino cheio de infelicidade
disse que este lugar seria o meu refúgio,
depois de errar por muitos anos, ao chegar
a este solo onde acharia finalmente
um paradeiro acolhedor, inda que fosse
para encerrar aqui a minha triste vida;
e por morar nesta região
traria o bem a quantos me acolhessem
e ruína certa a quem quisesse repelir-me,
fazendo-me voltar a estrada.
(SÓFOCLES, Édipo em Colono, l. 98-107: Édipo).

Neste fragmento, da obra que tem, também, a narrativa do ajuste, é possível compreender o efeito do trágico à leitura, que na peça é profetizado pela heroína.

Cidade de meus pais, solo de Tebas
e deuses ancestrais de nossa raça!
Levam-me agora, não hesitem mais!
Vede-me, ilustres próceres de Tebas
– a última princesa que restava –
as minhas penas e quem as impõe
apenas por meu culto à piedade!
(SÓFOCLES, Antígona, l. 1043-1050).

O poder e a tirania são temas dessa obra da antiguidade clássica, como o são também a verdade, a inteligência, a investigação e a condição humana. As temáticas trágicas podem contribuir significativamente na compreensão do trágico e do efeito do trágico. O sentido das emoções e reações diante dos conflitos contidos nos fragmentos da obra, apresentam aos leitores importante acervo para a escrita com sentido trágico. As obras são de domínio público e estão sempre à disposição dos leitores para leitura integral.

A tragédia grega que exemplificamos neste estudo, versa sobre a família dos Labdácias, uma família nobre com descendência divina, inserida em uma época em que os deuses e os humanos insinuam a superioridade daqueles e a fragilidade desses. Enquanto para os imortais a magia e a graça estão disponíveis, ao mortal se mostram o abismo e os tormentos dos que tem a morte por governança. A significação da tragédia é extraordinária para recebermos como legado da antiguidade, e continuamente voltamos a ela, sabendo que mesmo os escritos de um gênio merecem ser interrogados a fundo pois representam o constituinte de sua contribuição às grandezas literárias.

MINICONTOS: A CONTEMPORÂNEA NOBREZA

A contemporaneidade nos apresenta a diversidade textual que, graças às novas tecnologias, incorporam o mundo interligado, urbano, veloz e hiperconectado. Nesse contexto a brevidade apresentada em forma de texto privilegia os minicontos como produções que vem conquistando leitores e escritores.

O miniconto não é um gênero fácil de ser caracterizado mas é fundamental para a escrita, ainda que observemos a leitura e a produção textual curta. A incerteza consta apenas para o nome, há uma variedade desses que já foi atribuída, embora não há consenso sobre o mais correto. Dependendo do autor ou do lugar podem constar microconto, nanoconto, micronarrativa, *flash fiction*, *short-short story*, micro-relato, miniconto, então, o último é o que adotaremos neste estudo.

O miniconto pode ser entendido como um subgênero do conto e deste herda muitas características. É importante observar que os minicontos apresentam especificidades narrativas que os aproximam do conto e, assim, se diferem de outros textos breves como os ditados, piadas, provérbios ou memes. Spalding (2008) escreve, em seu estudo sobre os minicontos, sobre a milenar história da evolução do conto, a ponto dessa se confundir com a história da humanidade devido às transformações que passaram pelo período bíblico, contos do Oriente sobre as mil e uma noites, novelas de Cervantes e os eróticos de Bocaccio; enfatiza, também, sobre o desenvolvimento do gênero a partir dos teóricos e estudiosos Edgar Allan Poe e dos Irmãos Grimm.

A autora Nádia Gotlib (1999), pontua que a estória sempre reuniu pessoas que contam e pessoas que ouvem, sejam elas inseridas em sociedades primitivas ou nos nossos tempos, estejam elas em volta da mesa às refeições ou trocando ideias e contando casos. Os contos passaram

de orais para escritos por volta do século XIV e firmaram sua categoria, no entanto preservam o fato de serem contadas de alguém para alguém. A autora nos lembra que a forma do conto é indefinível, insondável, irreduzível a receitas, pois a despeito de aparente facilidade tende para o abstrato, embora com ressonância profunda a ser transmitida. Assim, podemos, no contexto de pós situação de isolamento, inferir o mundo virtual com todas as diversidades leitoras, escritoras e ouvintes que se apresentam para provocar intertextualidade e letramento dos discentes.

O conto “A moça tecelã” da autora Marina Colasanti (2004) foi mais um dos textos escolhidos para leitura e aplicação da teoria em estudo. A narrativa foi direcionada para leitores ativos e participativos, capazes de alcançar as informações primordiais e com base nestas, planejar a possível escrita de minicontos com sentido.

A narrativa é cheia de elementos que denotam magia e encantamento, embora apresente ao leitor fatos existentes no mundo real. A moça, no conto, fiava e fiar era tudo o que sabia e queria fazer, fiando o longo tapete chamava o dia, a noite, o sol e a chuva com as cores das estações. Fiava também seu alimento e sempre atenta fiava sua vida. Fiando sentiu solidão e pensou em uma companhia, uma família, nos filhos e em uma casa maior. O marido que fiou não compartilhava dos mesmos propósitos, pois ele, ao descobrir o poder do tear passou a exigir cada vez mais bens, ela, por sua vez, sem descanso fiava os caprichos do marido, mas veio o tempo em que sua tristeza lhe pareceu maior que seus tesouros e pensou em como era bom estar só novamente. Ela esperou o anoitecer e desteceu todo o longo tapete fiado e como se ouvisse a chegada do sol, escolheu a linha para tecer aquele novo dia.

A linguagem acessível ao público juvenil, do conto citado, ganha valor significativo para o leitor e proporciona a intertextualidade com os clássicos contos de fadas, assim escolhendo as palavras que dizem o que é pertinente e adequado, podem resultar em escrita de minicontos, outro texto, tomando por base esse.

Outro texto escolhido para suscitar a tragicidade, que não é conto mas crônica narrativa, foi “A última crônica” do autor Fernando Sabino (2003). O fato narrado ocorre no Rio de Janeiro quando o autor busca um assunto para escrever sua última crônica. Ele buscava inspiração e entrou em um estabelecimento para tomar café a caminho de casa. Percebe um casal com a filha comemorando o aniversário da pequena. Apenas uma fatia de bolo, e uma vela pequenina, que a família divide depois do parabéns a você. O pai sorri com toda a pureza que o momento de alegria

proporciona, impressionando o autor da crônica, com tamanha ternura e em meio a dificuldade financeira da família.

Ao apresentar os minicontos aos leitores, inspiramo-nos em “O dinossauro” de Augusto Monterroso, escritor hondurenho que muito jovem foi para a Guatemala mas fez carreira literária no México. Esse miniconto é classificado como um dos mais famosos. O miniconto tem apenas algumas palavras e totaliza 43 letras:

“El dinosaurio”

Quando despertó, el dinosaurio todavía estaba allí.
(MONTERROSO, 2005, apud SPALDING, 2004, p. 25)

Quando despertou, o dinossauro ainda estava lá.
(SPALDING, 2004, p.25).

Em seguida, apresentamos aos leitores o miniconto “Conto de quase fada”. Este é da autoria de Ana Mello, escritora brasileira que ministra oficinas de crônicas, poesias e coordena grupos de criação literária.

“Conto de quase fada”

Casou princesa
Morreu bruxa
Ao duendes chorando na beira do caixão.
O marido transformado em dragão.
(MELLO, 2020)

Nessa narrativa, a inquietação dos leitores instiga a interpretação, as marcas do texto transparecem e não há como controlar ou prever todas as possibilidades de relação e sentido produzidos no leitor. Essa realidade se desvincula de um antes ou um depois, um começo ou um final, mas desdobra-se em tantas configurações quantas são as experiências de cada leitor sem, também, classificá-las em mais ou menos importantes. É pois, uma aventura da mente com suspense emocional, estranho, veloz, com elementos de herói ou não e tem a combinação de investigação e argumentação do leitor.

Assim acredita-se que os caminhos se abrem para o ensino do trágico e de efeito do trágico, pois podem levar o leitor para além da superfície textual, permitindo enxergar a dinâmica de funcionamento dos sentidos, não tão explícitos, mas que são fundamentais para a significação final de um dado texto.

HABILIDADES E COMPETÊNCIAS ÀS PRÁTICAS

A BNCC de Língua Portuguesa em seu diverso campo de atuação contempla os eixos da leitura, produção de texto, oralidade e da análise linguístico-semiótica. Para os anos finais do Ensino Fundamental é possível depreender alguns importantes aspectos que se ampliam, pois começaram nos anos iniciais, entre eles a continuação do estímulo aos gêneros literários e textuais. Ao ministrar uma aula, entende-se o aprendizado como cumulativo pois a diversidade de textos exercita a argumentação, estabelece relações com práticas cotidianas e promove a cidadania, aproxima dos termos jurídicos ou legislativos afim de explorar e debater ideias da vida pública, proporciona a aplicabilidade de formação literária e desperta a feição às múltiplas continuidades do ato de ler.

Leitura e escrita são formas de interação com o mundo, a leitura é a interiorização e a escrita é a exteriorização. Na BNCC existem habilidades específicas para cada etapa e ano escolar escolar, há também as que se relacionam a todo um período; algumas habilidades que contemplam a leitura e escrita de minicontos nos anos finais são as que nos amparam neste estudo. Ao campo de atuação da escrita e produção de textos selecionamos:

(EF69LP07) Produzir textos em diferentes gêneros, considerando sua adequação ao contexto produção e circulação – os enunciadores envolvidos, os objetivos, o gênero, o suporte, a circulação -, ao modo (escrito ou oral; imagem estática ou em movimento etc.), à variedade linguística e/ou semiótica apropriada a esse contexto, à construção da textualidade relacionada às propriedades textuais e do gênero), utilizando estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/redesign e avaliação de textos, para, com a ajuda do professor e a colaboração dos colegas, corrigir e aprimorar as produções realizadas, fazendo cortes, acréscimos, reformulações, correções de concordância, ortografia, pontuação em textos e editando imagens, arquivos sonoros, fazendo cortes, acréscimos, ajustes, acrescentando/ alterando efeitos, ordenamentos etc. (BRASIL, 2018. p. 143)

Nas habilidades a seguir, o reforço para a produção escrita diz respeito às formas de expressão das culturas juvenis com as características da geração conectada. Ainda, dizem sobre a reconstrução da textualidade e compreensão dos efeitos de sentido provocados pelos usos de

recursos linguísticos e multissemióticos, esses influirão em possibilidades de conversas entre a prática docente na formação de leitores no mundo interconectado e digitalizado. Amplia-se, também, a práticas sociais aliadas aos usos das mídias levando ao desenvolvimento de práticas cidadãs. Os meios digitais são privilegiados nestas habilidades, ao estimular à continuidade da conexão, nesse momento de pós isolamento, pois nos aproximamos das temáticas que interessam aos alunos deste segmento.

(EF69LP46) Participar de práticas de compartilhamento de leitura/recepção de obras literárias/ manifestações artísticas, como rodas de leitura, clubes de leitura, eventos de contação de histórias, de leituras dramáticas, de apresentações teatrais, musicais e de filmes, cineclubes, festivais de vídeo, saraus, slams, canais de booktubers, redes sociais temáticas (de leitores, de cinéfilos, de música etc.), dentre outros, tecendo, quando possível, comentários de ordem estética e afetiva e justificando suas apreciações, escrevendo comentários e resenhas para jornais, blogs e redes sociais e utilizando formas de expressão das culturas juvenis, tais como, vlogs e podcasts culturais (literatura, cinema, teatro, música), playlists comentadas, fanfics, fanzines, e-zines, fanvídeos, fanclipes, posts em fanpages, trailer honesto, vídeo-minuto, dentre outras possibilidades de práticas de apreciação e de manifestação da cultura de fãs.

As práticas se complementam e nessa interligação pelos campos de atuação, contemplam a leitura, a escrita, a oralidade e a análise linguístico-semiótica. Com a homologação da BNCC em 2018, os gêneros digitais foram incluídos e graças a isso os meios de divulgação de textos em plataformas se ampliaram. A inclusão desses gêneros distintos amplia o alcance da realidade dos estudantes e os aproxima das produções e da divulgação entre si, oportunizando, assim, serem protagonistas ativos no processo de ensino-aprendizagem.

(EF69LP47) Analisar, em textos narrativos ficcionais, as diferentes formas de composição próprias de cada gênero, os recursos coesivos que constroem a passagem do tempo e articulam suas partes, a escolha lexical típica de cada gênero para a caracterização dos cenários e dos personagens e os efeitos de sentido decorrentes dos tempos verbais, dos tipos de discurso, dos verbos de enunciação e das variedades linguísticas (no discurso direto,

se houver) empregados, identificando o enredo e o foco narrativo e percebendo como se estrutura a narrativa nos diferentes gêneros e os efeitos de sentido decorrentes do foco narrativo típico de cada gênero, da caracterização dos espaços físico e psicológico e dos tempos cronológico e psicológico, das diferentes vozes no texto (do narrador, de personagens em discurso direto e indireto), do uso de pontuação expressiva, palavras e expressões conotativas e processos figurativos e do uso de recursos linguístico-gramaticais próprios a cada gênero narrativo. (BRASIL, 2018. p. 157 – 158)

Nestas habilidades que seguem, contemplam-se a autoria e leitura dos mais diversos gêneros em que a BNCC propõe processos de aprendizagens mais alinhados à realidade do século XXI; aos professores propõem direções mais claras para garantir a aprendizagem, bem como subsídios para engajar os alunos. Estas complementam as que vem antes e confirmam a centralidade do texto como unidade e forma de relacionar com contextos de produção e desenvolvimento da habilidade através da leitura, escuta e produção dos mesmos. A relação ente textos, intertextualidade, infere sobre a elaboração de textos a partir de outros textos, para expor a composição de efeitos de sentido.

(EF69LP50) Elaborar texto teatral, a partir da adaptação de romances, contos, mitos, narrativas de enigma e de aventura, novelas, biografias romanceadas, crônicas, dentre outros, indicando as rubricas para caracterização do cenário, do espaço, do tempo; explicitando a caracterização física e psicológica dos personagens e dos seus modos de ação; reconfigurando a inserção do discurso direto e dos tipos de narrador; explicitando as marcas de variação linguística (dialetos, registros e jargões) e retextualizando o tratamento da temática.

(EF69LP51) Engajar-se ativamente nos processos de planejamento, textualização, revisão/ edição e reescrita, tendo em vista as restrições temáticas, composicionais e estilísticas dos textos pretendidos e as configurações da situação de produção – o leitor pretendido, o suporte, o contexto de circulação do texto, as finalidades etc. – e considerando a imaginação, a estesia e a verossimilhança próprias ao texto literário. (BRASIL, 2018. p. 159)

Com o norteamento da BNCC, o estudo dos diversos gêneros textuais são oferecidos e orientam aos objetivos que se espera alcançar em cada etapa escolar. Soares (2019), diz que a atuação do professor em sala de aula é um como o de um destinador do processo de ensino-aprendizagem, cabe a ele a criação das condições de competencialização do aluno que é o protagonista desse saber ensinado. Dessa maneira o professor organiza sua ação didática de maneira que “faculte aos seus alunos a compreensão do funcionamento da linguagem em diferentes esferas da atividade humana, nos mais diferentes gêneros discursivos que nestas circundam” (SOARES, 2019, p. 173). A autora prossegue dizendo que o professor deve ter consciência na realização do saber ensinado, considerando os últimos referenciais curriculares nacionais, e sendo a teoria interessante quando transposta em coordenadas exploratórias. Ainda, com valoração para as atividades de leitura e escrita criativas, proporcionando um ganho considerável para a reflexão sobre o uso da linguagem, essa permite conceber os textos como construção e linguagem que os materializa tanto na cultura de papel como na cultura digital.

Assim, a BNCC direciona a habilidade para a construção do aprender, o professor media e os alunos com autonomia, confiança no uso da língua, bem como, das linguagens e em contato com os gêneros ainda desconhecidos, elaboram os processos de letramentos com sentido e desta forma exercendo a sua cidadania.

O TRÁGICO NA ESCRITA DO MINICONTO: EXPERIENCIAR NA SALA DE AULA

Este estudo entra agora em uma nova fase: o olhar aos textos e às possibilidades de escrita criativa com sentido acerca do miniconto. Tendo os alunos de Ensino Fundamental como protagonistas na construção desse saber, realizou-se o trabalho de natureza empírica para aplicar o conceito de tragédia e o efeito do trágico, a partir da leitura de *corpora* já citadas neste estudo, na escrita de minicontos.

É canônico que a alma da tragédia consiste na capacidade de dizer o quanto é pertinente e adequado com a escolha das palavras, dessa escolha pode resultar o miniconto que se caracteriza por ser uma narrativa breve. É importante adotarmos a perspectiva que os minicontos apresentam aproximações que os remetem ao conto, então se fez necessário leitura de *corpus* orientado para possibilitar a intertextualidade e os letramentos dos alunos.

Ao entender o texto com a sua totalidade de sentido e da relação que estabelecem à intertextualidade, à análise e inferência a prática pedagógica resultou em escrita de minicontos. Ainda que os textos provocaram nos alunos sensações de sentimentos diversos, não se deve minimizar a importância desses, pois uma das funções da literatura é emocionar o espectador ouvinte. Interessa aqui chamar atenção para algumas questões envolvidas na construção de sentidos, planejando a partir daí atividades que sejam apropriadas e pertinentes aos alunos e ao conteúdo do ano escolar com os quais se está trabalhando.

Uma das primeiras constatações deve ser a que diz respeito ao componente visual que é característico ao gênero em análise. A aproximação desses textos com o contexto cultural e social do aluno também se fez necessário, assim sendo, a escrita resultou com sentido para si. Escolher as palavras para escrever e as posições que respondam com sentido consistem em habilidades do aluno, no entanto fazer estas aflorarem é competências do professor.

Quando o aluno toma para si a potencialização com sentido em uma narrativa curta, intensificando-a, o efeito incisivo o arrebatou, pois aliada à brevidade e a economia de recursos narrativos, o miniconto insinua duas histórias, uma oculta e outra aparente. O leitor deve ser um investigador para decifrar nas entrelinhas a história escondida, ele pode se questionar como se chegou àquela situação e como seria seu final; quem é ou quem são as personagens e de imediato a relação de intertextualidade pode ser estabelecida. Abordando o conceito de trágico e o contexto histórico das narrativas trágicas da antiguidade clássica e inferindo relação intertextual com os clássicos da literatura infanto-juvenil, proporciona-se aos discentes externar as percepções e emoções.

O professor, levando os alunos perceberem o que acontece com os componentes visuais e verbais do miniconto, dá sentido à expectativa de criar e escrever novos minicontos. Ademais, é importante que eles percebam e sintam a expectativa responsável por compartilhar o conhecimento, e assim sendo, esse resultado de coletividade são os letramentos.

Assim, transcrevemos alguns minicontos que resultaram desta prática pedagógica.

“Brilho em pó”

Está escuro lá fora, avisto Andrômeda

Nuvens de poeira brilhante na cauda de um dragão

Qual é o teu signo?

Ah não! Não combina! (2022)

“Dó em Si”

Ela adorava música.

Desenhou as cordas do violão em seu pulsos.

A dor não apareceu.

Buscou as raízes, mais fundo.

Agora está assistindo um show de querubins. (2022)

Estabelece-se, assim, o afrontamento de duas vozes nos minicon-
tos. No primeiro texto temos a intertextualidade relacionada ao olhar as
estrelas, admirar o céu noturno e de alguma forma inferir uma aproxi-
mação que vai além de uma futura amizade, mas que cai por terra assim
que o signo astrológico do enunciador apresenta características contrá-
rias, ou muito diferentes, do enunciatário. O minicon-
to inicia com certa nostalgia sonhadora, mas em seguida produz uma reação inusitada que
desqualifica a crença do outro, vai contra as expectativas da formação
daquele que está escondido no texto e que o leitor desvenda. Um efeito
trágico se instala entre o par do texto e faz com que o leitor experimente
o efeito trágico com a reação de “por que não poderia ser diferente?”
já que olhar as estrelas na maioria das vezes é apaixonante e sugere um
gosto particular.

No segundo minicon-
to temos a manifestação de uma preferência,
essa leva o leitor pensar um desenho artístico sendo tatuado no corpo da
personagem. Aqui o trágico tem efeito de dor no leitor e infere a resso-
nância de dentro de si ter emoção e comoção despertada. No entanto, o
efeito do trágico se dá na última palavra do minicon-
to: “querubins”; essa
sugere a morte da personagem e assim o leitor se emociona e experi-
menta o trágico de forma impactante.

O texto dos alunos, que depois de ouvir a leitura dos *corpora*, foram
construídos como no tear da personagem de Colasanti, e com o olhar
de admiração por estar fazendo algo digno de sorrisos como o do pai da
menina aniversariante na crônica de Sabino. A construção de um texto
requer o processo individual de alfabetização e também o processo que
o complementa coletivamente que é o dos letramentos.

Em suma, a leitura foi conduzida de forma que proporcionou aos
alunos a oportunidade de familiarização com termos literários, e os ensi-
nou a apreciar esses gênero textual em suas especificidades. Embora
cada texto seja único, o significado é construído através da intertextua-
lidade que tem o mérito de lançar constantemente às obras antigas um
olhar de sentido na escrita, como uma linha clara para recomeçar ou uma
pequena vela para iluminar.

Orientados pelo professor, a roda de conversa pôde responder algumas perguntas base: Quais são os sentidos de cada texto? Sugere intertextualidade? Como são escritos, quantas letras e palavras? Quais são os sentidos que produzem e os sentimentos que despertam? e se preferirem podem observar alguma classe gramatical. Foi preciso orientar os alunos a ter olhar habilidoso e competente pois não se usa todas as ferramentas exploratórias de uma só vez, mas a observação do que é invariante nos textos é primordial para que o letramento em minicontos seja alcançado.

Ao questionar os alunos acerca da experiência de ouvir e ler textos para produzir minicontos, ouvimos diversas manifestações positivas que aqui transcrevemos: “Porque é legal e fácil de ler! Porque é interessante e faz pensar em cada palavra. Porque me fez procurar o que algumas palavras significam - uso do dicionário. Porque eu não sabia que uma palavra poderia ser tão importante. Porque dá liberdade de chegar a uma conclusão da história” (2021).

O textos curtos podem e devem ser associados como continuidade de letramentos, pois se olharmos com atenção para o minicontos perceberemos estruturas narrativas e estratégias que nos remetem aos leitores que investigam, e investigando constroem os letramentos garantidos pela BNCC.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conclusão que chegamos é a de que o trágico e o efeito do trágico é produzido pela relação inusitada de ler ou ouvir a leitura de fragmentos de peças de teatro da antiguidade, textos contemporâneos e minicontos, estabelecendo a criatividade com sentido. Podemos dizer que se trata, conforme Lima (2019), de uma enunciação complexa, pois estabelece entre os protagonistas distintos em que um, aluno ou leitor, tocado por um texto responde com outro texto, e a partir dessas produções se criam sentidos, inteligíveis e sensíveis, uma série de outras noções de intertextualidade e temas que podem e devem ser trabalhados em aula para o desenvolvimento do senso crítico. Esse senso amplia a competência de leitura e conscientização sobre a participação nas redes de divulgação de textos escolares.

Os alunos precisaram de calma, contemplação e tempo de percepção, em seguida de elementos que enriqueceram suas habilidades de interpretação para depois ter condições de produção de vários tipos de textos, em especial este, o miniconto, que é o objeto deste estudo.

Ao professor mediador, entre o saber fazer e o poder fazer do aluno, é indispensável que não se limite, e se permita adentrar nos contextos sociais e culturais dos alunos e aponte o que corresponda ao sentido de aflorar a escrita deles, outrossim, observando o subsídio teórico e metodológico em direção às coordenadas exploratórias de produções literárias.

No ato de escrever minicontos e vê-los divulgados, tanto na cultura de papel quanto na digital, reforça-se a continuidade das habilidades e competências previstas pela BNCC. Salientamos que este estudo acerca dos minicontos, com temática do trágico e dos efeitos do trágico nos leitores e escritores, não se esgota, portanto o futuro reserva novas etapas e desafios, segue produzindo pesquisa, leituras e produções de modo a contemplar as habilidades e competências dos alunos em suas contruções de letramentos previstos e garantidos pela BNCC.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Poética**. Bilíngue. Tradução e notas de Paulo Pinheiro. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica (SEB). **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/SEB, 2018.

COLASANTI, Marina. **A moça tecelã**. São Paulo: Global Editora, 2004

GOTLIB, Nádya Battella. Teoria do conto. 9ª ed. São Paulo: Ática, 1999.

LIMA, Eliane de Soares de. **(Multi) Letramentos na escola: Proposições da Semiótica discursiva à ação didática**. Revista do GEL, v. 16, p. 165-190, 2019.

MELLO, Ana. **Conto de quase fada**. Disponível em: <http://www.anamello-escritora.com.br/?apid=5443&tipo=6&dt=&wd=&titulo=MINICONTO:%20Conto%20de%20quase%20fada>. Acesso em 01 de out de 2022.

SABINO, Fernando. A última crônica. In: **Para gostar de ler – Crônicas**. Volume 5. São Paulo: Ática, 2003.

SOARES, Magda. **Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura**. Campinas, v. 23, n. 81, p. 143-160, 2002.

SÓFOCLES. **A Trilogia Tebana**. Tradução do grego e apresentação: Mario da Gama Kury. 20. reimp. Rio de Janeiro: Zahar, 2019.

SPALDING, Marcelo. **Os cem menores contos brasileiros do século e a reinvenção do miniconto na literatura brasileira contemporânea**. Porto Alegre: UFRGS, 2008. 81 f.. Dissertação (Mestrado em Letras), Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.